



ARTE, UMA NECESSIDADE VITAL

Hânia Cecília Pilan*

Resumo – Este artigo traz um recorte sobre a produção humana pelo viés da arte, que a serviço da vida acompanha o homem e sua trajetória. O homem se tornou um ser criador por uma necessidade de sobrevivência, de se expressar no mundo, de se ajustar a ele e de compreendê-lo; e foi por meio da arte, com manifestações pessoais e coletivas, que conseguiu dar significado para sua existência. Em um processo de desconstruir/construir, reflete seu contexto social, seu momento histórico, constrói o futuro em outro novo/velho formato.

Palavras-chave: arte, necessidade, criação, construção, sobrevivência.

Art, a vital necessity

Abstract – This paper provides an outline of the human production by the art, the service of life follows the man and his career. Man became a creator due to the need to survive, to express himself in the world, to suit him and understand it; and through art, with personal and collective manifestation that he was able to give meaning to his existence. In a process of non construction/construction reflects its social context, its historical moment, the future is built on another new/old format.

Keywords: art, need, creation, construction, survival.

ARTE, UMA NECESSIDADE VITAL

A arte é necessária para que o homem se torne capaz de conhecer e mudar o mundo. Mas a arte também é necessária em virtude da magia que lhe é inerente (FISCHER, 1973, p. 20).

Sabemos que o homem, assim como todos os seres vivos, possui necessidades básicas, tais como: alimentação, abrigo e segurança. Porém, o que difere o homem dos outros seres vivos é sua capacidade de construir o novo ou construir de novo para realizar essas necessidades.

* Mestra em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM) e doutoranda pela mesma instituição. Professora titular da Universidade Bandeirante de São Paulo (Uniban).

As vivências e experiências humanas foram sendo gradualmente "armazenadas" e acumuladas, por meio de uma ordenação de ideias, gerando, *a posteriori*, o conhecimento. Constrói, assim, sua compreensão do mundo e a conscientização de sua existência, em um processo complexo de experimentações com "fatos/coisas" do mundo. Como possuidor desse conhecimento, o homem sentiu outras necessidades básicas, como a de comunicação e de expressão.

Sabemos, por experiência histórica, que a necessidade de comunicação e de expressão do ser humano é um assunto que não se esgota. A cada novo momento da história da humanidade, novas formas do fazer e do manifestar aparecerão; e foi, *a priori*, por meio da arte e suas diferentes linguagens que elas aconteceram.

É óbvio que não é só pela da arte que o homem pode mostrar suas formas de expressão e comunicação, mas, com certeza, o uso de suas diversas linguagens é um facilitador.

Podemos compreender todo esse processo se pensarmos a produção do homem na pré-história. Esses sujeitos criativos e criadores de utensílios, de ferramentas (um simples graveto que prolongou seu braço e permitiu o acesso a um fruto em um local mais alto da árvore) e de cultos, inclusive ao adornarem o próprio corpo para os rituais ou para, por esse meio, atribuir-lhes uma identidade, variaram no uso das linguagens estéticas.

A própria escrita pode ser o melhor exemplo. Foi com a arte que ela se concretizou. Podemos pensar nas pinturas das cavernas como uma forma de escrita imagética e passível de transmissão de conhecimentos. De posse dela, o homem pôde e ainda pode compartilhar conhecimentos, reinventar a si mesmo e seu meio e, com isso, construir um novo formato de convivência em grupo.

Essas produções imagéticas são também ricas expressões estéticas, com múltiplos significados, são animais vivos na condição de "presas", um culto mágico/sagrado, um apelo à subsistência.

Enfim, esses homens, sujeitos criadores de cultura, nos mais diversos domínios de expressão, de alguma forma, necessitavam de um meio de comunicação com o resto da tribo e com o "mágico/sagrado", e foi por meio da arte que fizeram tais conexões. Essa condição criadora, qualidade inata no homem, levou esses indivíduos a produzirem conhecimentos e técnicas, visando a atender a seus interesses e necessidades, no sentido de suprir uma carência não só espiritual, mas também material, porém ambas ligadas entre si, registrando, por meio do fazer "artístico" em desenhos e pinturas nas paredes das cavernas, narrativas de seus desejos.

É nesse momento da história da humanidade que a *arte tornou-se uma necessidade básica*, como as naturais e primitivas: ela foi, talvez, a primeira forma de linguagem a perpetuar um conhecimento e, principalmente, a propor um novo olhar de busca, de sonho, de realização de um mundo cada vez mais imbricado em significações empíricas, um mundo onírico, em que a relação entre sujeito e "totens" é dupla; um simulacro fascinante envolvendo todos os membros da tribo na cerimônia ritualística. Ainda hoje, "muitas tribos celebram festividades regulares, nas quais se vestem como animais e, como eles, se movimentam em danças solenes e rituais. Também acreditam que, de algum modo, isso lhes dará poder sobre suas presas [...]" (GOMBRICH, 2008, p. 42).

E, partindo da premissa de que arte é cultura, o estudo da produção artística é uma referência potencial aos acontecimentos sociais, políticos e econômicos de cada época. Para Fischer (1973), a arte acompanha o homem e sua história em manifestações que refletem o contexto social do momento em que ele está inserido.

Em praticamente toda a história humana, os homens foram movidos por propósitos mágico-religiosos ou utilitários, de forma que a arte sempre esteve a serviço da vida. A serviço da vida, podemos pensá-la como uma finalidade utilitária ou como louvor a "deuses" – uma busca de significados dos fenômenos da natureza, conforme Osborne (1968, p. 30):

Um fetiche mágico, um templo para honrar os deuses e glorificar a comunidade, uma estátua para perpetuar a memória de um homem (Grécia) ou para assegurar-lhe a imortalidade (Egito), um poema épico para preservar as tradições da raça ou um mastro totêmico para realçar a dignidade de um clã – eram todos artefatos, manufaturados para um fim diferente do que hoje denominaríamos estéticos.

Já a arte, como finalidade estética, satisfaz uma necessidade social e pessoal, construindo relações com as coisas do mundo racional ou empírico, porém essas relações estéticas do homem com o mundo não estão *relacionadas* apenas às manifestações artísticas, mesmo sendo estas de relevante importância entre o homem e o mundo, pois, segundo Sánchez Vázquez (1999, p. 42), "a relação estética, como forma específica da apropriação humana do mundo, não se dá apenas na arte e na recepção de seus produtos, mas também na contemplação da natureza, assim como no comportamento humano com objetos produzidos com uma finalidade prático-utilitária".

Concluimos, então, que a estética ou as investigações estéticas, no contexto histórico e social que as origina, também são formas específicas de relação com o mundo.

Para Vázquez (1999, p. 53): "a experiência estética e a produção artística são formas do comportamento humano, ou de uma práxis específica, que ocorrem em determinado emaranhado histórico-social, a Estética se nutre de certa concepção do homem, da história e da sociedade [...]". Portanto, a experiência estética está implícita na necessidade produtiva do homem, fundamentando uma prática.

A necessidade estética advém de uma interferência do homem sobre a produção material. Da transformação do objeto em objeto estético ou como fetiche, conforme a necessidade pessoal e social, descobrimos que o consumo que hoje fazemos de certos objetos que consideramos estéticos ou artísticos "não corresponde à meta ou função que determinou sua produção" (ADORNO, 1989, p. 78).

A exemplo disso, podemos voltar às pinturas realizadas nas cavernas que, em seu tempo de realização, provavelmente estiveram muito mais ligadas a uma função mágica ou mística, além, é claro, de uma forma de se relacionarem com o mundo.

Essa experiência estética vai desde a experiência individual à coletiva e gera mudanças de pensamento e comportamento, na medida em que o objeto perde sua função original e tem sua impor-

tância somente por meio de sua forma sensível. Ela é gratuita e não visa a um interesse prático imediato, como afirmam Aranha e Martins (1993, p. 343):

a experiência estética, ou a experiência do belo, é gratuita, é desinteressada, ou seja, não visa [sic] um interesse prático imediato. Só nesse sentido podemos entender a gratuidade dessa experiência, e jamais como inutilidade, uma vez que ela responde a uma necessidade humana e social. A experiência estética não visa [sic] o conhecimento lógico, medido em termos de verdade; não visa [sic] a ação imediata e não pode ser julgada em termos de utilidade para determinado fim.

Seja por necessidade utilitária, seja por necessidade estética, o que temos como certo é que a arte se dá "em todos os períodos, classes, etnias, e idades do ser humano" (FISCHER, 1973, p. 20). A arte é ferramenta que conecta emoções e crenças, modifica o real e ajuda na construção do mundo, o qual é reconstruído a cada momento e se modifica constantemente.

Historicamente, foram muitas as modificações que ocorreram na humanidade, nesses mais ou menos 6.000 mil anos que temos como tempo existente da escrita. Porém, o desenvolvimento da consciência foi vagaroso e laborioso, em um lento processo de apropriações.

As sucessões de acontecimentos, algumas lentas e outras nem tanto, como a ascensão da Igreja, as revoluções burguesas e liberais, as mudanças rápidas de poder, por consequência, nas formas de comando, a industrialização e, mais tarde, com a consolidação do capitalismo como sistema mundial, fizeram com que o homem gradativamente mudasse sua forma de pensar, de olhar e de sentir o mundo.

Ele agora não mais é proprietário de seu tempo, é obrigado a adaptar-se às mudanças sociais; vende sua mão de obra em grandes centros mercantis, obedecendo às regras e às leis estabelecidas. Dentro desse novo formato de mundo, cabem os avanços tecnológicos, as possibilidades de consumo, de conhecimento, mas também cabem as grandes mazelas atuais: diferenças sociais exacerbadas e explícitas, dificuldades de moradias e até de alimentação. As mais básicas necessidades de sobrevivência não se realizam, e a readaptação para essa nova forma de viver não se torna fácil.

Dessa forma, é constantemente necessária a construção de novos meios para a sua sobrevivência.

E, como em um círculo vicioso, desde os tempos em que se produz o conhecimento, o homem usa a arte na busca por compreender a si mesmo e o mundo, inserir-se nele, estabelecendo moldes próprios de segurança e liberdade, que, como vimos, é necessidade básica.

No olhar de Ostrower (apud MORAES, 2000, p. 42): "A arte é uma forma de crescimento para a liberdade, um caminho para a vida", na necessidade humana de fazer "arte" para sua sobrevivência como ser "humano" e como ser "artista", que se encontra ligado ao fazer arte.

A arte, por meio de seus fazedores, hoje, o "artista" (antes denominado artesão, com possíveis outras denominações anteriores), adota constantemente novas atitudes para seu fazer, na busca de

atender a uma necessidade ulterior, como o fez por toda a história da humanidade, mesmo quando o fazer estava ligado a regras estabelecidas.

Como bem sabemos, essas regras se modificaram, porém sempre foram e ainda são existentes. A arte na contemporaneidade alça outra condição na história da humanidade, é bem de consumo, da mesma forma que um produto industrializado, incluído no sistema financeiro com valor de venda/compra. Como necessidade básica, transforma-se, divulgada pela mídia, e gera nas pessoas a necessidade de obtê-la como mercadoria, em prol de uma padronização de hábitos, em detrimento da necessidade criadora.

Claro que muito do poder criativo do homem pode ter se perdido diante desse contexto contemporâneo, já que é possível consumir praticamente tudo pronto, inclusive a arte, mas também, com suas novas linguagens, muito se pode criar/recriar, nesse novo contexto que permite o uso de meios cada vez mais sofisticados de apropriações em todos os segmentos da produção humana, inclusive o conhecimento.

Em toda a história da humanidade, e não poderia ser diferente no contexto atual, temos sempre os prós e os contras. A necessidade da arte se modificou de acordo com as necessidades da humanidade e adquiriu um novo formato – um novo estatuto: com conceitos variados, utilizando novas roupagens, novos suportes e matérias.

Esse novo formato da arte não a distancia do homem; ao contrário, ele ainda necessita estar em contato com ela e com a criatividade inerente a ela, seja para seu deleite, quando assiste a um bom espetáculo, a filmes, seja reconhecendo-se dentro dela na publicidade, para utilizá-la como conhecimento do passado, esclarecendo o presente, vislumbrando o futuro.

A possibilidade de olhar para o futuro é o momento criativo da existência humana, que gera uma nova realidade, diferente daquela passada, transformando o presente. Esse movimento não permite que o mundo se estagne; um processo em constante evolução, uma produção/construção humana, que felizmente não paralisa em seu desenvolvimento e faz com que a existência humana se enriqueça.

"Se cada qual pode se conduzir de maneira artística, portanto criativa, para romper com o círculo das regras sociais, ser artista já não significa exercer uma profissão que requer certa experiência técnica, mas ser ou tornar-se livre" (ARGAN, 1992, p. 358).

Com as possibilidades aumentadas, ou melhor, multiplicadas, trazidas com a contemporaneidade, dos "fazereres artísticos e de produção" e, por consequência, da divulgação dos objetos dessa produção por meio das novas mídias, esses objetos se tornam cada vez mais "voláteis" e facilmente descartáveis, tendo sempre a necessidade de se criar uma nova roupagem, e, para isso, em um crescente, novas apropriações são realizadas.

Esse mudar, que está ligado ao conhecer, é antes de tudo uma necessidade dos dias atuais, imposição dessa contemporaneidade. O homem é obrigado a ir se adaptando diariamente ao novo, modificando a si mesmo e a seu meio, em um constante movimento construtivo.

É na construção dos novos meios para sua sobrevivência, que advêm do conhecimento, muitas vezes vital, que, como um *bricoleur* da cultura, interage com os objetos que os cercam, interpretando/reinterpretando-os diariamente, dando a eles novos significados. Para Bourriaud (2009, p. 21): "Usar um objeto é, necessariamente, interpretá-lo. Utilizar um produto é, às vezes, trair seu conceito; o ato de ler, de olhar uma obra de arte ou de assistir um filme significa também saber contorná-los: o uso é um ato de micropirataria, o grau zero da pós-produção".

O artista consome o mundo e o lugar, dispondo os objetos e interpretando-os de forma pessoal, neutralizando a noção de uso, em favor de uma espécie de troca interrompida, e o sacraliza no momento da apresentação.

Nesse cenário artístico contemporâneo, todo o conceito de obra de arte e de artista estabelecido pela história se modifica.

Porém, a paixão pela criação – a necessidade de se expressar, de comunicar, de propor o novo e até mesmo de sonhar – se faz ainda mais necessária, mesmo quando é atropelada pelo juízo de valor. Mesmo nesse "novo" mundo, a arte mantém algumas "verdades" que nos encantam até hoje: o "momento de humanidade", ou seja, o reconhecimento e a nostalgia que nos transpassam quando encontramos obras de arte, independentemente do momento histórico.

Percebemos, então, que mesmo a arte estando submetida ao tempo, a ideias e a aspirações de certo período histórico, ela também supera esse limite, criando:

[...] um momento de humanidade que promete consonância no desenvolvimento. [...] Coisas antigas, aparentemente há muito esquecidas, são preservadas dentro de nós, continuam a agir dentro de nós – freqüentemente sem que as percebamos – e de repente vêm à superfície e começam a nos falar (FISCHER, 1973, p. 17).

A arte é uma das manifestações humanas mais antigas, que fala direto à emoção e à razão e que nos acompanha independentemente dos diferentes sistemas políticos ou econômicos. Assim, *a arte nos humaniza*, possibilita-nos prosseguir com o elo entre os demais seres humanos. É, ainda hoje, o veículo mágico que nos possibilita materializar aquilo que não somos, mas temos possibilidade de ser. A arte sempre será necessária, pois ela é o que há de mais humano em nós. Assim: "Não importa como as pessoas se aproximem da arte. Ela é imprescindível na vida do ser humano, desde que o homem existe. Para se comunicar o homem usou, antes da linguagem escrita, sons guturais e o desenho" (RIZOLLI, 1999, p. 56).

Essa afirmativa de Marcos Rizolli (1999) merece um olhar mais atento. Se o homem criou objetos, ferramentas e utensílios como um meio de vida para satisfazer suas necessidades básicas, esses objetos acabam se materializando para a posteridade no testemunho de suas crenças, na maneira como vivia e pensava. Esses objetos, ao serem estudados, possibilitam novas formas de olhá-los e interpretá-los, inclusive sobre o ponto de vista estético, transformando-se em arte.

Voltando um pouco mais a Fischer (1973, p. 11):

A arte concebida como "substituto da vida", a arte concebida como meio de colocar o homem em estado de equilíbrio com o meio circundante – trata-se de uma idéia que contém o reconhecimento parcial da natureza da arte e da sua necessidade. Desde que um permanente equilíbrio entre o homem e o mundo que o circunda não pode ser previsto nem para a mais desenvolvida das sociedades, trata-se de uma idéia que sugere, também, que a arte não só é necessária e tem sido necessária, mas igualmente que a arte continuará sendo sempre necessária.

Se a produção artística faz parte de uma necessidade básica do ser humano, como mostra Fischer (1973), e se ela está em constante mudança e se manifesta de formas diferentes quanto ao tema, à técnica ou ao estilo, renovando no processo de criar, a cada nova obra, uma expressão pessoal, desde os homens das cavernas, desenhando os bisões, até os que, nos dias de hoje, utilizam o grafitismo nas paredes da cidade, isso nos faz pensar, quando deparamos com essa citação, que a "arte não só é necessária e tem sido necessária, mas igualmente que a arte continuará sendo sempre necessária", em qualquer sociedade, até mesmo para os *moradores de rua*. Porém, esse é um assunto a ser discutido em outro momento mais oportuno.

Construir e desconstruir, desconstruir e construir – caminhos trilhados pelo homem/artista. Assim, a arte, em seus mais diversos tipos de expressão, transgredirá o estilo preponderante de cada época e falará ao sentimento humano.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W. O fetichismo na música. In: HORKHEIMER, M. *Textos escolhidos*. São Paulo: Nova Cultural, 1989. p. 80-105. (Os pensadores).
- ARANHA, M. L. de A.; MARTINS, M. H. P. *Filosofando: introdução à filosofia*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1993.
- ARGAN, G. C. *Arte moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- BOURRIAUD, N. *Pós-produção – Como a arte reprograma o mundo contemporâneo*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- FISCHER, E. *A necessidade da arte*. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.
- GOMBRICH, E. H. *A história da arte*. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1978.
- _____. *A história da arte*. 16. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- MORAES, F. *Arte é o que eu e você chamamos arte*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

OSBORNE, H. *Estética e teoria da arte*. São Paulo: Cultrix, 1968.

OSTROWER, F. P. *Criatividade e processos de criação*. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

RIZOLLI, M. *Artista-cultura-linguagem: um estudo sobre metodologias pictóricas*. 1999. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica: Artes)—Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1999.

VÁZQUEZ, A. S. *Convite à estética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.